

Geralmente, na educação formal, a literatura é direcionada para propósitos relacionados a processos seletivos e vestibulares. Tanto em sua forma como em seu conteúdo a escrita raramente é explorada em relação às suas possibilidades de invenção e criação, tornando o convívio do estudante com a literatura algo maçante e por vezes burocrático.

Habitar a linguagem através de percepções inventivas, tanto em seus morfemas quanto em seus sintagmas, pode contribuir para vivências mais criativas com a escrita. A proposta dessa comunicação é apresentar reflexões do uso da literatura do absurdo, do fluxo de consciência, da performance e da literatura voltada para o ensino da língua inglesa. As experiências foram realizadas no ano de 2022 e ocorreram respectivamente no Colégio Helyos, na cidade de Feira de Santana-BA e no IFBA - Instituto Federal de Educação da Bahia, campus Paulo Afonso.

A abordagem metodológica aqui apresentada foi construída de forma sinérgica. Foram provocações que geraram criações dos alunos e que por sua vez geraram outras provocações à medida que referências de obras e autores afins com o tema eram apresentadas. Trabalhar com o texto literário em sala de aula, seja no ensino fundamental ou no médio, mostra-se como um desafio. A apresentação da experiência aqui descrita envolve experimentos expandidos com textos da língua portuguesa e inglesa.

Ao relacionar o ensino da língua inglesa às artes, os educadores podem criar ambientes de aprendizado mais ricos e envolventes, nos quais os alunos têm a oportunidade de explorar a língua de maneira criativa e culturalmente significativa. Isso não apenas aprimora suas habilidades linguísticas, mas também enriquece a compreensão de mundo e a capacidade de comunicação. Nesse sentido, o ensino da língua inglesa associado a performance desempenha um papel importante na prática da pronúncia, entonação e expressão oral. Os alunos frequentemente realizam dramatizações, apresentações teatrais ou debates em inglês para praticar suas habilidades de comunicação. A performance também pode ser usada para explorar, como diz Foucault (2014), a linguagem em contextos culturais e sociais, permitindo que os alunos experimentem diferentes papéis e perspectivas.

¹ Genilson Conceição da Silva é mestre e doutor em arte pela Universidade Federal da Bahia

² Luciano Penelu Bitencurt Pacheco é mestre em Letras pela Universidade Estadual de Feira de Santana

Na experiência aqui apresentada direcionamos o estudo da literatura como possibilidade de expor os estudantes a diferentes culturas e períodos históricos. Através da leitura de obras literárias, os alunos exploraram a diversidade de experiências e perspectivas culturais, haja vista a literatura também desempenhar um papel significativo no ensino da cultura. A partir da relação entre escrita e leitor entendemos também que a leitura de obras que empregam técnicas como o fluxo de consciência ou pertencem ao gênero do absurdo, desafiam os alunos a compreenderem nuances da língua e a explorarem diferentes estilos de escrita.

Ernest Hemingway é amplamente conhecido por seu estilo de escrita direto, conciso e realista, que é frequentemente visto como o oposto da literatura nonsense e do fluxo de consciência. No entanto, é interessante explorar algumas conexões e influências que Hemingway pode ter tido com esses dois conceitos literários, mesmo que não seja reconhecido por escrever dentro dessas tradições. Ele foi influenciado por autores do pré-modernismo, como Gertrude Stein, que experimentaram técnicas de escrita que poderiam ser consideradas precursoras do fluxo de consciência, Stein usou repetições e estruturas de frases incomuns que desafiaram a narrativa convencional. Embora Hemingway não tenha adotado plenamente essas técnicas, sua associação com Stein pode ter o exposto a algumas ideias relacionadas ao fluxo de consciência.

Alguns índices do estilo de escrita de Hemingway podem ser encontrados em obras que adotam elementos de literatura nonsense. Sua clareza e simplicidade muitas vezes servem como ponto de partida para autores que desejam subverter essas características de maneira humorística e absurda. Hemingway frequentemente explorou temas relacionando a vida, a guerra e o absurdo em suas obras. Embora não siga a tradição estrita da literatura do absurdo, ele apresentou situações nas quais os personagens enfrentam desafios existenciais e confrontam o vazio ou a falta de sentido em suas vidas, especialmente em seus romances sobre a Primeira Guerra Mundial. Essa exploração do absurdo na experiência humana pode criar pontos de contato com os temas abordados na literatura do absurdo, a exemplo do conto “o velho homem na ponte”.

A partir dessas reflexões propusemos aos alunos do Primeiro Ano do Ensino Médio um experimento com o conto, “o velho homem na ponte”, no qual Hemingway revela o absurdo da guerra através de dois personagens, um soldado de guerra e um homem idoso que, tendo o seu lar destruindo, tenta atravessar uma ponte para uma cidade que não foi afetada, entretanto ele não consegue por conta da sua forte conexão com sua cidade natal, então ele decide ficar no meio da ponte.

Nesse experimento os estudantes elaboraram pinturas abstratas a partir de trechos do conto supracitado. Após a produção, as pinturas foram expostas em um ambiente onde frases em inglês e português, relacionadas ao conto, eram faladas pelos alunos e podiam ser ouvidas pelos visitantes.

Logo em seguida abordamos a literatura do absurdo como potência criativa, enquanto no conto de Hemingway o absurdo soava como uma denúncia, nessa outra abordagem o absurdo fomentou zonas criativas de invenção da linguagem. A literatura do absurdo frequentemente incorpora elementos da performance, principalmente através de ações estranhas e irracionais em cenários surreais. Geralmente essas performances exploram a desconexão entre a linguagem falada e as ações dos personagens, criando um certo desconcerto com a palavra.

Também abordamos o fluxo de consciência, que consiste em uma técnica literária que busca representar os pensamentos e sentimentos internos dos personagens de maneira contínua e muitas vezes caótica, onde, no momento da escrita. Para Campos (2013), no fluxo de consciência suspende-se o excesso de exatidão e censura para dar espaço a vaga escrita. Autores como James Joyce e Virginia Woolf são conhecidos pelo uso dessa técnica.

Na educação, o fluxo de consciência e a estética do absurdo, permitem que os alunos expressem suas próprias ideias e emoções de forma criativa e artística. Eles podem criar contos, poesias, peças teatrais e outros tipos de escrita, desenvolvendo suas habilidades linguísticas e de narrativas.

Segundo Sartre (2019), a estética do absurdo desafia a lógica e a razão permitindo a imaginação uma forma de emancipação, uma maneira de libertar-se das limitações da realidade. Geralmente as narrativas não seguem uma estrutura tradicional, isso pode ser visto como uma crítica à ênfase excessiva da racionalidade na educação, pode sugerir que a busca incessante pelo conhecimento lógico e científico é capaz de levar a uma falta de apreço pelo irracional e pelo inesperado, que também são aspectos importantes da experiência humana.

Os Alunos muitas vezes questionam o propósito de sua educação e como ela se relaciona com suas vidas. Esse tipo de literatura contribui para a desconstrução do uso tradicional da linguagem e questiona a sua capacidade de expressar a realidade. Isso pode ser relacionado à educação no sentido de que a linguagem é uma ferramenta fundamental na transmissão de conhecimento, mas também pode ser limitada em sua capacidade de capturar a complexidade da experiência humana.

No projeto realizado foram utilizadas referências artísticas e literárias associadas as possibilidades de uso das técnicas mencionadas, nesse sentido, o movimento artístico conhecido como dadaísmo forneceu insights interessantes sobre como a criatividade, a quebra de normas e a subversão podem ser aplicadas nesse contexto.

O Dadaísmo surgiu como uma reação a lógica, a razão e às convenções sociais e artísticas da época. Da mesma forma, a educação pode ser enriquecida ao desafiar as normas tradicionais. Encorajar os alunos a questionar e a desafiar ideias preconcebidas pode estimular o pensamento crítico e a criatividade. Os artistas envolvidos nesse movimento buscavam a expressão livre e muitas vezes não conformista em suas obras, isso também pode ser aplicado à educação ao incentivar os alunos a se expressarem de maneira autêntica e a explorarem suas criatividade sem medo de julgamentos, uma educação que valoriza a expressão individual e pode inspirar a autoconfiança dos alunos.

Os Dadaístas frequentemente utilizavam a técnica da colagem e a apropriação de elementos pré-existentes. Essa abordagem foi usada no projeto para ensinar os alunos a integrarem diferentes fontes de conhecimento e criarem algo inovador a partir delas, o que também pode ser aplicado a pesquisa e ao desenvolvimento de habilidades de resolução de problemas. Procuramos incorporar elementos do absurdo e do humor como estímulo para escrita criativa no sentido de promover um ambiente mais descontraído e propício a criatividade. Incentivamos a exploração da linguagem de maneira não convencional e experimental, possibilitando a criatividade linguística e a apreciação pela diversidade de formas de comunicação, além de estimular os alunos a brincarem com a linguagem no sentido de melhorar suas habilidades de comunicação e escrita.

André Breton, um dos fundadores do movimento surrealista, foi outra referência no projeto. Breton incorporou muito do dadaísmo. No seu livro, “manifesto surrealista”, introduziu a técnica da escrita automática a qual valorizava a liberdade criativa e a expressão pessoal. Para Breton (1985), a vida era uma obra de arte a ser criada, ele desafiou as convenções literárias tradicionais e incentivou a exploração dos processos mentais inconscientes.

Na escrita automática, o autor tenta suspender o julgamento consciente e permitir que palavras, frases e imagens fluam sem a interferência do pensamento racional. Para Carvalho (1985), é necessário, no momento da criação, não saber muito bem o que vai se fazer em seguida, isso pode resultar em um texto que é não linear, poético, surreal ou altamente subjetivo. Na educação, essa abordagem pode ser vista como um apelo à criatividade e a

liberdade de pensamento, pode também inspirar métodos que promovam a imaginação, o pensamento crítico e a liberdade de expressão.

A seguir, uma produção, inspirada na técnica da escrita automática, realizada em 2022 pela aluna Clarisse Pereira Vila Nova Cordeiro, estudante do primeiro ano do Ensino Médio do Instituto Federal de Educação da Bahia.

Tesoura ácida

Corta minha língua

Minhas palavras

Meu cabelo

Nuvem de chiclete

Adocica as tardes

As horas que ardem

Ilumino tudo como dinamite

Toco rock & roll para o King Kong

Numa ponte de arco-íris

A escritora Clarice Lispector foi outra autora presente no projeto, conhecida por usar o fluxo de consciência em suas obras, como em "A Hora da Estrela", Clarice cria uma conexão direta com a exploração da subjetividade e da introspecção permitindo que o oculto se irradie como em um segredo, Clarice (2019). Na educação, a escrita de Lispector pode ser usada para incentivar os alunos a explorarem suas próprias experiências e perspectivas, promovendo a reflexão e a autoconsciência. No caso do projeto, abordado nessa comunicação, foi utilizado o livro “Água Viva” como inspiração para a escrita dos estudantes. Abaixo uma produção da aluna Beatriz de Andrade Brito, também aluna do Primeiro ano do Ensino Médio, inspirada no fluxo de consciência de Clarice Lispector

Azar do Coelho

A moça comeu

A pata do coelho

Teve dor de barriga

Quebrou o espelho

O irmão do espelho

*Ficou zangado
Se partiu no meio
Atacou desenfreado
A moça coitada
Foi levada pela morte
Aquele não era
Um coelho da sorte*

Outro autor que foi abordado em sala foi Augusto de Campos, um dos fundadores da poesia concreta no Brasil, movimento que valorizava a visualidade e a materialidade das palavras na poesia, fato que pode relacionar-se com a educação ao destacar a importância da linguagem como um meio de expressão visual e sensorial realizando-se simultaneamente nesses planos, para Campos (2006), pode-se inspirar abordagens pedagógicas que exploram a linguagem de maneira criativa, indo além da simples comunicação verbal.

Ao integrar elementos como o fluxo de consciência, o dadaísmo, a introspecção de Lispector e a poesia concreta de Augusto de Campos, foi possível criar um ambiente onde os alunos foram encorajados a explorar a escrita de maneira livre e criativa. Isso envolveu atividades de leitura de obras desafiadoras e experimentação com formas literárias não convencionais.

O poeta paraibano Zé Limeira, utilizava-se também da estética do absurdo. Ele viveu no início do século XX, é conhecido por sua linguagem coloquial, humor nonsense e crítica social. Suas obras foram utilizadas no projeto como forma de estimular a criatividade, a reflexão crítica e a sensibilidade dos estudantes através do uso de metáforas, analogias e jogos de palavras. Os poemas de Zé Limeira foram analisados em sala de forma gramatical, estilística e temática. Essa análise foi realizada de forma individual e em grupo. Os estudantes foram convidados a produzir poemas inspirados na sua obra.

A seguir um exemplo de uma produção do aluno Alisson Kauan Silva Santos do Primeiro Ano do Ensino Médio que utilizou a técnica da estética do absurdo inspirada em na escrita de Zé Limeira.

*Entrar para dentro
O livro conta as horas
E a moeda move o pêndulo*

É difícil diferenciar as etapas

Verdadeiro ou não mentira

Entre carregadores e mapas

Desapareço ao som da batida...

Os poemas de Zé Limeira foram utilizados em atividades interativas, como jogos, dramatizações e vídeos. Essas atividades tornaram o aprendizado mais divertido e envolvente.

A literatura do absurdo ofereceu uma lente crítica através da qual foi possível provocar experiências diferenciadas com os alunos, convidando-os a questionar a lógica, a razão e o significado, explorando temas como alienação, busca de significado e conformismo. Essa interseção entre literatura do absurdo e educação gerou insights valiosos para repensar e melhorar o uso diferenciado da escrita. Ao avaliar os trabalhos dos alunos produzidos por meio dessas técnicas, adotou-se uma abordagem sensível, reconhecendo o caráter pessoal e íntimo da escrita gerada.

Os usos das ferramentas apresentadas nessa comunicação indicam que elas podem enriquecer o processo de aprendizado de várias maneiras. As metodologias aqui apresentadas encorajam o pensamento não linear e livre sem a preocupação com a estrutura convencional, o que por sua vez, pode fomentar a inspiração, a originalidade e a inovação na abordagem de diversos componentes curriculares, contribuindo para exploração de formas diferenciadas de expressão e a pensar de maneira não linear, o que possibilita aos alunos encontrem maneiras singulares de comunicação.

É necessário encorajar os estudantes a questionarem ideias preconcebidas, a pensar criticamente e a explorar perspectivas alternativas. O fluxo de consciência, a escrita automática e a estética do absurdo podem ser incorporadas em várias disciplinas, como literatura, artes, filosofia e até ciências, contribuindo para uma abordagem multidisciplinar e enriquecendo a experiência educacional.

Bibliografia

BRETON, André, Manifesto Surrealista. São Paulo: Editora brasiliense, 1985.

CAMPOS, Augusto; DÉCIO, Pignatari, CAMPOS, Haroldo, Teoria da Poesia Concreta. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

CARVALHO, Campos, Obra Reunida. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1995.

CAMPOS, Augusto; DÉCIO, Pignatari, CAMPOS, Haroldo, Marllarmé . São Paulo: Perspectiva, 2013.

LISPECTOR, Clarice, Água Viva. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

FOUCAULT, Michel. Isto não é um cachimbo. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

SARTRE, Jean-Paul, O imaginário. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

OLIVIERI, Alberto Freire de Carvalho, O Conhecimento Vago: a Poética doa modelos. Salvador: JM, 2016.